

CÂMBIO DERRUBA O SAMURAI LOPES

André Corrêa 28.1.99

A queda antes mesmo da decolagem. Francisco Lafaiete de Pádua Lopes, 53 anos, ocupou a presidência do Banco Central por apenas 20 dias, até seu afastamento ontem. Foi a estadia mais fugaz no cargo — que já teve outros ocupantes-relâmpago: Carlos Brandão, por cinco meses, em 1979; Antonio Lemgruber, em 1985, manteve-se na posição por onze dias a mais que Brandão; Francisco Gros, um recorde até ontem, que durou menos que três meses em 1987; e Pêrsio Arida que, em 1995, cairia depois de cinco meses à frente do BC.

Depois do fiasco da política de bandas cambiais (faixa de flutuação do real em relação ao dólar), o autor de *O Desafio da Hiperinflação: Em Busca da Moeda Real*, obra escrita em 1988, caiu junto com a cotação da moeda brasileira. Mineiro de Belo Horizonte e doutor pela Universidade de Harvard, Lopes sai depois de sucessivos desmentidos de suas próprias declarações sobre a política econômica.

No dia 13 de janeiro último, Lopes assumiu o BC desvalorizando o real em quase 9%, dentro dos limites da banda cambial e desmentindo que a moeda passaria a flutuar livremente. No dia seguinte, acabou com a banda cambial e o real chegou a desvalorizar-se 25% em relação ao dólar.

A política que Chico Lopes conseguiu sustentar por um dia lhe foi encomendada por Fernando Henrique em outubro do ano passado. Deveria ter sido implementada em dezembro último, porém teve que esperar pelo desfecho do escândalo das gravações no gabinete da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Mas Chico já havia se tor-



Lopes, o breve presidente do BC: declarações otimistas e filosofia oriental

nado o nome do BC mais próximo ao presidente da República e acabou substituindo, por menos de três semanas, o ex-chefe Gustavo Franco, a quem dirigiu repetidas críticas.

De pouco lhe adiantaram declarações otimistas e, até, avisos imbuídos de filosofia oriental alertando que estaria preparado para tudo. “O

guerreiro, quando desembainha a espada, tem de sujá-la nem que seja com o próprio sangue”, disse, durante entrevista, já como presidente do BC, evocando ensinamentos do código de ética dos samurais. Os mercados globalizados seguem sua própria filosofia. E, na última sexta-feira, deram o recado final.

“O afastamento de Lopes trouxe tranquilidade ao país”, avaliou o economista Carlos Eduardo de Freitas, consultor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e ex-diretor da área externa do Banco Central. “Afastaram-se do governo todos os que estavam ligados a fórmulas milagrosas e choques heterodoxos.”

CRÍTICAS

Lopes sai cercado de críticas e com a economia do país em situação delicadíssima. Mas presidir o Banco Central não costuma ser, de todo, um mau negócio. O primeiro presidente do BC, Dênio Nogueira, empossado em 1965, tornaria-se, mais tarde, diretor de banco. Ernani Galveas, que ocupou o cargo duas vezes na década de 70, foi para o BCCI, banco árabe cuja quebra no início desta década, fez aumentar o controle internacional sobre o sistema financeiro. Carlos Langoni, depois de presidir a instituição nos anos 80, abriu uma empresa de consultoria.

O mineiro Chico Lopes vem de uma família com tradição em cargos econômicos no governo. Seu pai, Lucas Lopes, criou o plano de metas do presidente Juscelino Kubitschek — que pregava o slogan 50 anos em cinco — e foi seu ministro da Fazenda. Cargo cujos ocupantes nem sempre prezaram por longos mandatos nas duas últimas décadas. Francisco Dornelles ficou no ministério por cinco meses e 11 dias em 1985. Em 1992, Gustavo Krause foi ministro por dois meses e doze dias. Período idêntico ao que Paulo Hadad permaneceu na pasta. Eliseu Resende, no ano seguinte, ficou sete dias mais que Krause no cargo.